ANTOLOGIA DA FICÇÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

INSTITUTO DE CULTURA PORTUGUESA

ANTOLOGIA
DA
FICÇÃO PORTUGUESA
CONTEMPORÂNEA

ANTOLOGIA DA FICÇÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

SELECÇÃO, PREFÁCIO E NOTAS BIOBIBLIOGRÁFICAS
DE JACINTO DO PRADO COELHO
(COM A COLABORAÇÃO DE ÁLVARO SALEMA)

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Título
ANTOLOGIA DA FICÇÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Instituto de Cultura Portuguesa
Secretaria de Estado da Cultura
Presidência do Conselho de Ministros

© Instituto de Cultura Portuguesa
Direitos de tradução, reprodução e adaptação
reservados para todos os países

1 ª edição –1979

Composto e impresso
Oficinas Gráficas da Minerva do Comércio, Lisboa
Maio de 1979

ÍNDICE

Advertência ... 6
Prefácio ... 8
RAUL BRANDÃO ... 14
AQUILINO RIBEIRO ... 18
MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO ... 24
IRENE LISBOA ... 30
JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS ... 37
FERREIRA DE CASTRO ... 43
JOÃO DE ARAÚJO CORREIA ... 49
JOSÉ GOMES FERREIRA ... 54
VITORINO NEMÉSIO ... 58
JOSÉ RÉGIO ... 62
JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS ... 68
TOMAZ DE FIGUEIREDO ... 72
DOMINGOS MONTEIRO ... 76
BRANQUINHO DA FONSECA ... 83
MANUEL MENDES ... 90
MIGUEL TORGA ... 95
JOAQUIM PAÇO D'ARCOS ... 101
ANTÓNIO PEDRO ... 106
SOEIRO PEREIRA GOMES ... 110
ALVES REDOL ... 115
MANUEL DA FONSECA ... 122
FAURE DA ROSA ... 127
JOSÉ MARMELO E SILVA ... 136
VERGÍLIO FERREIRA ... 143

MÁRIO DIONÍSIO 149
MANUEL FERREIRA 156
FERNANDO NAMORA 160
JORGE DE SENA 167
RUBEN A. 171
CARLOS DE OLIVEIRA 178
MARIA JUDITE DE CARVALHO 182
AGUSTINA BESSA-LUÍS 189
URBANO TAVARES RODRIGUES 194
JOSÉ CARDOSO PIRES 199
FERNANDA BOTELHO 203
AUGUSTO ABELAIRA 209
DAVID MOURÃO-FERREIRA 213
ORLANDO DA COSTA 218
NUNO BRAGANÇA 224
OLGA GONÇALVES 230
HERBERTO HELDER 234
DINIS MACHADO 238
JOÃO PALMA-FERREIRA 243
MARIA GABRIELA LLANSOL 248
MARIA ONDINA BRAGA 255
ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO 260
ÁLVARO GUERRA 266
MARIA VELHO DA COSTA 270
YVETTE K. CENTENO 275
ALMEIDA FARIA 281

JOSÉ RÉGIO

(N. Vila do Conde, 1901. F. Vila do Conde, 1969)

Primacial figura do Segundo Modernismo em Portugal, como poeta, dramaturgo, ensaísta e crítico, José Régio projectou igualmente na sua obra novelística uma problemática de conflito interiorista em que se conjugam a religiosidade no seu mais largo sentido e a experiência no real quotidiano, o idealizado e o concretamente vivido, entre peculiares conceitos do bem e do mal – mas inserindo nela uma crítica de costumes que nos outros géneros não pôde tomar tão directa expressão. O seu primeiro romance, *Jogo da Cabra Cega* (1934, 3.ª ed. 1971), é uma perturbada e perturbante rememoração visionária da adolescência, em que as personagens «apresentam o misto de grotesco e patético de certas figuras dostoievskianas» (Óscar Lopes). Seguiram-se a novela *Davam Grandes Passeios aos Domingos* (1941, 3.ª ed. 1975), a «história para crianças grandes» *O Príncipe com Orelhas de Burro* (1942, 6.ª ed. 1978), o ciclo de romances marcadamente autobiográficos *A Velha Casa (Uma Gota de Sangue,* 1945, 3.ª ed. 1972); *As Raízes do Futuro,* 1947, 2.ª ed. 1972; *Os Avisos do Destino,* 1953, 2.ª ed. 1970; *As Monstruosidades Vulgares,* 1960, 3.ª ed. 1979; e *Vidas são Vidas,* 1966, 2.ª ed. 1973) e os livros de contos *Histórias de Mulheres* (1946, 4.ª ed. 1974) e *Há Mais Mundos* (1962, 4.ª ed. 1973). A subtileza e sinuosidade da arte narrativa, a percepção aguda dos reflexos do circunstancial nos estados íntimos das personagens, a meticulosidade analítica no exame psicológico – marginando nessas obras o «perigo de se tornarem monótonas e cansativas, de se fecharem e narcisarem numa espécie de encanto intenso mas privado» (Eugénio Lisboa) – fazem da criação ficcionista de Régio um caso singular de representação humana em literatura.

[A EVASÃO]

O gigantesco desenho da ponte se lhe debuxava agora à esquerda, com o seu arco imenso meio afogado no nevoeiro, que adensara. O vento caíra. E como o crescente da lua se desvanecia no céu brumaceiro, de luar não havia senão uma frialdade semiluminosa, muito vaga, esparsa. Na grande mancha negra, lodosa, que era agora o Douro, retorciam-se como longos parafusos em brasa as luzes de Vila Nova de Gaia. Reflectiam outras luzes espalhadas aqui, ali, além, pequeninas, ao mesmo tempo esfumadas e nimbadas pela névoa. Junto ao cais, quase aos pés de Lèlito, mais se adivinhava do que distinguia na facha tenebrosa uma complicação de vultos de barcos. Mas havia aí lume, vozes abafadas, ele vez em quando um gorgolejo ou chape-chape de água.

Depois das vielas por onde se encafuara, já tudo isto daria a Lèlito uma quase favorável impressão de largueza, companhia, (pois não havia gente nesses barcos? não era o que ainda o reanimava, sentir a proximidade humana de vez em quando?) se a dupla inquietação de se achar afastado do centro da cidade, e sem ver onde poderia esperar a manhã, o não enchesse de cruéis incertezas. Como se encaminhara, sequer, tão naturalmente, para estes lugares pouco tranquilizadores? Não poderia ter ido parar às vias mais concorridas? Decerto haveria aí algum café aberto, qualquer lugar onde ficasse. Dir-se-ia que um obscuro desígnio do destino (ou uma impulsão secreta) não só aqui o atraíra, a tais paragens, mas até nelas o retinha; e que, não obstante os seus terrores, uma curiosidade ansiosa, doentia, e um desespero e um desleixo de todo o ser – o guiavam nesta inútil e inesperada peregrinação. Lèlito suspeitou que se lhe revelava o gosto das aventuras perigosas, e que era uma expectativa delas que o dirigia...

Ao cabo de uns momentos verificara não ser o único vadiando à margem do rio. Um ou outro pequeno grupo se demorava, ainda, nas sombras daquelas portas escondidas sob antigos arcos; umas abaixo do empedrado negro, ao fundo de quaisquer degraus, outras rasgadas numa espécie de muralha sobre que se erguiam prédios estreitos como torres, com varandas de velhas madeiras, ou casarões imundos e sólidos. Não obstante a amplidão do horizonte em frente, um cheiro igualmente nauseabundo envolvia todas essas portas, penetrara para sempre essas pedras; mas aqui cheirava ainda a frutas podres (que iam ficando do mercado diário), pó de carvão, águas chocas e comidas azedas. Eram, decerto, moradores ou frequentadores retardatários destes antros, os raros vultos que ainda por ali demoravam.

Ora enquanto, perante estas misérias que pela primeira vez se lhe revelavam tão completamente, sentia um acre gosto de humilhação atraí-lo aos seus semelhantes mais infelizes, (aliás nem a sua infelicidade se lhe revelara ainda, ele é que a estava imaginando) muito bem sentia Lèlito que uma particularidade qualquer nos seus modos, no seu andar, no seu ar – qualquer coisa que, tanto por temor como por solidariedade com a miséria, procurava agora esconder – irremediavelmente o apontaria à desconfiança, à hostilidade, ao sarcasmo desses miseráveis.

Com efeito, um vulto que de repente apareceu a seu lado deu-lhe um encontrão. Era um homem gordo, com olhos agudos que procuraram os seus de perto, como a perguntarem-lhe o efeito de tal familiaridade. Parecia ter surgido de qualquer alçapão.

– Desculpe! – disse com uma espécie de insolência na voz rouca.

– Não faz mal... – balbuciou Lèlito involuntariamente.

E logo o outro, estendendo a mão para o seu braço:

– Escute lá...

Mas Lèlito desandara; acabara por desatar a correr como uma criança apavorada e perseguida. Quando parou, reconheceu que não pensara em escolher caminho. De novo metera por uma dessas ruas infaustas que bem quisera evitar. Com um alvoroço, lembrou-se de levar a mão ao bolso em que tinha toda a sua fortuna. «Meu Deus!» apelou do fundo de si. Mas a sua fortuna lá estava: duas notas miúdas, alguns trocos. «Obrigado!» bradou em pensamento. Nestas situações, (posto nunca Lèlito se houvesse achado em nenhuma idêntica) logo entre ele e o *seu Deus mais familiar* se estabelecia uma rápida comunicação: pedidos, agradecimentos, queixas, acusações... Era ridículo, com as suas dúvidas e as suas pretensões filosóficas! Era ridículo! era ridículo.

Embora semelhante às outras na desoladora aparência das casas, no empedrado primitivo, a rua em que se achava tinha a vantagem de ser um pouco mais larga; também a de ser uma ladeira. Lèlito sabia que, subindo, se aproximaria do centro

da cidade. Chegou a um terreiro com aspecto arcaico e a fachada, ao fundo, de uma igreja em ruínas. À primeira vista, era um pequeno largo sem saída. Julgando que seria obrigado a retroceder, Lèlito sobressaltou-se. Avançou, porém, em direcção à igreja, cuja fachada se erguia na penumbra como um cenário fantástico; tanto mais que, propriamente, ela quase não tinha senão fachada. Descobriu ao lado quaisquer escadinhas estreitas que subiam.

Uma figura de mulher, embrulhada num xale, se despegou, então, direita a ele, da parede da igreja. Tinha qualquer coisa de espectral ou fatal, como se ali o estivera esperando há anos! há séculos; ou, então, como se pertencera àquelas mesmas pedras, ou delas nascera. Galgando as escadinhas íngremes, Lèlito ainda pôde perceber que o fantasma o chamava...

Era tempo! era tempo de chegar a qualquer ponto mais ou menos conhecido. Os seus nervos começavam a desafinar; a sua imaginação a trabalhar em excesso; de modo que já nele se manifestava com uma intensidade premente, ameaçadora, aquele senso do estranho que torna medonhas e secretas as próprias coisas mais triviais. Qualquer ser, ou até um simples objecto, uma árvore, um pormenor de paisagem, – poderiam nesses momentos apavorar Lèlito, revelando o *seu segredo.* Isto é: revelando-se, fulgurantemente, misteriosos. Então, as pessoas tomavam a seus olhos um doairo de aparições (seria real, por exemplo, a mulher que se despegara da igreja arruinada?) e, o que não era menos perturbante, as próprias coisas manifestavam *fragmentos de seres vivos e desconhecidos,* como se nelas ofegassem pequenos monstros forcejando por se libertarem...

Bem era tempo de chegar a qualquer ponto mais ou menos conhecido! Felizmente, Lèlito acabava de reconhecer a velha Sé naquela grande massa pesada, escura, diante de que viera ter. Para lá do muro, lá em baixo, muito vagamente nascia do nevoeiro e da noite um baralhado casario da cidade salpicado de halos luminosos. Lèlito não ignorava que, descendo pelo lado oposto ao que o trouxera, se aproximaria das ruas mais concorridas, mais modernas... Assim se valia agora de algumas deambulações empreendidas quando faltava às aulas, enganando a vigilância do senhor Bento Adalberto. Mas, ao cabo de ter hesitado uns passos, aflitivamente se agarrou à primeira haste de candeeiro. É que tivera a impressão de que o chão desatara a correr, e se despenhava sob os seus pés. Sentiu, então, uma infinita moleza nas pernas, e um arripio que lhe corria o corpo, e recomeçava, se multiplicava em pequenas arripios consequentes como breves, repetidas ondulações...

Fora sua intenção chegar à larga praça onde estava o homem de bronze, a cavalo, (não lhe lembrava agora o nome, – um nome tão conhecido!) e que lhe era o centro mais familiar do Porto. Aí descansaria um pouco, e poderia tomar uma decisão. Talvez ainda encontrasse qualquer café aberto, ou lhe valesse a

pena procurar uma pensão, um hotel... Até já pensara em alugar um automóvel (mas encontrar automóveis, a esta hora?!) que o levasse a Azurara. Afinal, em breve poderia estar diante de casa. Bateria, acordaria os que há muito dormiam no profundo aconchego dos velhos quartos familiares; e deixar-se-ia cair de joelhos no pátio de entrada, (oh, o que ele tinha era vontade de se deixar cair!) quando o pai, alarmado, viesse descendo as escadas de pedra... O pai não havia de o pôr fora; – e sem dúvida pagaria ao motorista. De momento, é que nem forças tinha para chegar à praça da estátua equestre, que aliás nem sabia se era longe. E ali estava amparado àquele candeeiro, como um bêbedo, e outra vez gritando aflitivamente do fundo de si: «Meu Deus! meu Deus!» Em razão, talvez, não tanto do seu estado como da inquietação que lhe ele inspirava, tinha um vazio pesado na cabeça, uma dor ao fundo da órbita direita, enquanto o angustiava a sensação agónica de ir vomitar a cada instante. Sobretudo o aterrava a perspectiva de ali cair, nessa rua deserta, onde só o pudesse encontrar um polícia, um vadio nocturno, ou um desses desgraçados que andam varrendo ruas a desoras...

Fechara os olhos por segundos, a testa contra o candeeiro. Foi quando ouviu a seu lado:

– Boa noite, amorzinho.

Vagamente reconheceu aqueles olhos vidrados, grandes, como de quem tem febre, naquela face muito chupada e vermelha de tintas. Era a mulher do vestido claro, que já o saudara com a mesma fórmula.

Relanceou, então, à roda, pela rua deserta, pelos velhos prédios, os olhos enevoados. Compreendeu que já passara naquela rua; diria ele que há muitas horas! Mas essa mulher de vestido claro, leve, numa noite assim fria, lá continuava no seu passeio profissional: Ainda não seduzira ninguém; ou já seduzira, e recomeçara a tentar a sorte. A complexa impressão que da primeira vez lhe produzira – receio do desconhecido, pudor da virgindade tentada, repulsa física por tal género de mulheres, curiosidade e atracção precursoras do desejo – a complexa impressão que da primeira vez lhe produzira, e de que nem ele chegara bem a dar conta, é que já lha não podia produzir: Agora, Lèlito estava simplesmente esgotado; exausto! Precisava de uma cama e do socorro, ao menos da companhia, de qualquer ser humano; até daquele.

– Bebeste... – disse a mulher, inclinando-se um pouco a examiná-lo. Como ele nada dizia, limitando-se a olhá-la com os mesmos olhos enevoados e tristes, acrescentou:

– Sei de um quarto aqui perto, muito em conta...

– ...Perto? muito em conta...? – repetiu Lèlito inconscientemente, como num eco.

– São dois passos – respondeu ela, animando-se imediatamente. E logo lhe

pousou a mão no braço, apertando-lho de leve, num movimento quase natural de carinho. A esperança de ganhar a noite vibrara na sua voz um pouco rouca. Decerto ainda não seduzira ninguém.

Com um esforço para se desencostar do candeeiro, Lèlito murmurou, à laia de desculpa:

– Senti-me mal... estou doente...

– Ora! – fez ela - sei o que isso é: bebeste.

Depois de hesitar um segundo, perguntou:

– Tens dinheiro?

– Algum... – balbuciou ele baixando ainda a voz, de modo que mal se ouvia; e dir-se-ia que, na verdade, receava ser ouvido. – Mas tenho de seguir para Azurara. Preciso de guardar para o comboio... o comboio parte cedo... de madrugada...

– Bem! o comboio pouco é. E há necessidade de ires assim tão cedo? Simpatizo contigo, palavrinha. Gosto de um rapazinho novo como tu. Quem te mandou beber de mais? Não deves estar muito habituado... Que idade tens? Mas vais ver que sei tratar de ti! Sou boa rapariga, acredita; não julgues lá que por andar nisto... Isto é um modo de a gente viver!

Agarrara-se-lhe ao braço, era ela quem o ia levando. Lèlito deixava-se levar. E era-lhe agradável não só descansar o corpo sobre o dela, mas também sentir-lhe na voz um pouco rouca e áspera, de tísica, inflexões quase maternais.

(De *Uma Gota de Sangue,* 3.ª ed., pp. 224 a 232)

NA CAPA UM PORMENOR DO FRESCO DE JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS, «LISBOA», NA GARE MAR´´ITIMA DA ROCHA DO CONDE DE ÓBIDOS, 1946-1948